



LITERATURA INFANTIL E REFLEXÕES ANTIRRACISTAS NO COTIDIANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Samara da Rosa Costa¹

*Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR
Curitiba, Paraná, Brasil*

Sara da Silva Pereira²

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

Lucimar Rosa Dias³

Universidade Federal do Paraná -UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Resumo: Este artigo traz reflexões sobre práticas antirracistas por meio da apresentação de artefatos culturais africanos e afro-brasileiros para crianças da Educação Infantil, apontando o livro como um importante artefato que possibilita este trabalho. A discussão acerca de literatura infantil, que apresente qualidade estético-literária a partir da representação da diversidade étnico-racial brasileira de forma positiva, tem aporte teórico em autoras como: Araújo (2020), Debus (2017), Pereira (2019), dentre outras (as). Ao discutirmos a literatura como um artefato cultural pode-se afirmar que ela fortalece um ambiente antirracista contribuindo para que crianças negras se percebam representadas, elevando a autoestima e para que as crianças brancas reconheçam e valorizem a diferença, rompendo com as estruturas da branquitude normativa.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Literatura infantil; Artefatos culturais; Diversidade étnico-racial.

CHILDREN'S LITERATURE AND ANTIRACIST REFLECTIONS IN EARLY CHILDHOOD

Abstract: This article brings reflections on antiracist practices through the presentation of African and Afro-Brazilian cultural artifacts to children in Early Childhood

¹Graduada em Pedagogia, especialista em Literatura infantil/Juvenil e Contação de história, professora da educação básica pela Prefeitura Municipal de Curitiba. E-mail: professorasamara.costa@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4914-115X>

²Graduada em Pedagogia e em Letras Português/Espanhol e suas literaturas, diretora no Departamento de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais. E-mail: sarabrownsummer@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5825-3532>

³ Doutora em Educação pela USP, Mestre pela UFMS. Professora da Universidade Federal Paraná, Coordenadora do ErêYá- Grupo de Estudos em Educação paras as relações étnico-raciais. E-mail: lucimardias@ufpr.br ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>



Education, pointing out the book as an important artifact that enables this work. The discussion about children's literature, that presents aesthetic-literary quality based on the representation of Brazilian ethno-racial diversity positively, has theoretical support in authors such as: Araujo (2020), Debus (2017), Pereira (2019), among others. By discussing literature as a cultural artifact, it can be stated that it strengthens an antiracist environment, contributing for black children to feel represented, raising self-esteem and for white children to recognize and value the difference, breaking with the structures of normative whiteness.

Keywords: Early Childhood Education; Children's literature; Cultural artifacts; Ethno-racial diversity.

LITERATURA INFANTIL Y REFLEXIONES ANTIRRACISTAS EN LA VIDA COTIDIANA DE LA PRIMERA INFANCIA

Resumen: Este artículo reflexiona acerca de reflexiones sobre prácticas antirracistas a través de la presentación de artefactos culturales africanos y afrobrasileños para niños de Educación Infantil, señalando el libro como un artefacto importante que permite este trabajo. La discusión sobre la literatura infantil, que presenta calidad estético-literaria de la representación de la diversidad étnico-racial brasileña de forma positiva, tiene sustento teórico en autores como: Araujo (2020), Debus (2017), Pereira (2019), entre otros (as). Cuando se habla de la literatura como artefacto cultural se puede decir que fortalece un ambiente antirracista ayudando a los niños negros a verse representados, elevar la autoestima y que los niños blancos reconozcan y valoren la diferencia, rompiendo con las estructuras de “blanquitud” normativa.

Palabras-clave: Educación infantil; Literatura infantil; Artefactos culturales; Diversidad étnico-racial.

LITTÉRATURE JEUNESSE ET RÉFLEXIONS ANTIRRACISTES DANS LE QUOTIDIEN DE LA PETITE ENFANCE

Résumé: Cet article apporte des réflexions sur les pratiques antiracistes à travers la présentation d'artefacts culturels africains et afro-brésiliens pour les enfants dans l'éducation de la petite enfance, soulignant le livre comme un artefact important qui rend ce travail possible. La discussion sur la littérature pour enfants qui présente de manière positive la qualité esthétique et littéraire de la représentation de la diversité ethnique et raciale brésilienne a un soutien théorique chez des auteurs tels que: Araujo (2020), Debus (2017), Pereira (2019), entre autres. Lorsque l'on parle de littérature en tant qu'artefact culturel, on peut dire qu'elle renforce un environnement antiraciste, aidant les enfants noirs à se percevoir comme représentés, élevant l'estime de soi et permettant aux enfants blancs de reconnaître et de valoriser la différence, rompant avec les structures normatives blancheur.

Mots-clés: Éducation de la petite enfance ; Littérature jeunesse; Artefacts culturels; Diversité ethnico-raciale.

INTRODUÇÃO



Esse texto resulta de reflexões produzidas no contexto do Grupo de Estudos e Pesquisas Erê Yá tendo como base as discussões ocorridas na Rede de Conversas 5: *Crianças e Infâncias Negras: desafios e possibilidades no contexto da Educação para as Relações Étnico-Raciais*, promovidas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (NEABI/UENF), em fevereiro de 2022. Nesta perspectiva, apresenta caminhos para práticas antirracistas e a construção de ações de como trazer artefatos culturais de temática africana e afro-brasileira na Educação Infantil que fortaleçam as crianças desde bebês influenciando suas vivências a partir da literatura infantil, pautadas na LDB (alterada pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008).

O desafio, ao considerar que na etapa da Educação Infantil é necessário pensar em práticas concretas que abordam questões étnico-raciais, perpassa pela ideia de que segmentos sociais insistem na negação do racismo. Cavalleiro (2021) afirma:

A ausência do debate social condiciona uma visão limitada do preconceito por parte do grupo familiar, impedindo a criança de formar uma visão crítica sobre o problema. Tem-se a ideia de que não existe racismo, principalmente por parte dos professores, por isso não se fala dele (CAVALLEIRO, 2021, p. 33).

Diante disso, criar oportunidades para reflexões antirracistas no cotidiano da educação infantil é fundamental e a literatura infantil tem sido um dos suportes que fortalecem essa prática por conseguir afetar aqueles que têm acesso ao livro. No entanto, sabemos que somente a literatura infantil não consegue por si só dar conta de todas as questões que a discussão sobre a diversidade étnico-racial requer. Outro ponto relevante é conseguir inserir as crianças desde muito pequenas em contextos que as aproximem das diversas culturas, seja dos povos originários, africanos ou afro-brasileiros.

Assim, na primeira seção deste texto, discutiremos como referências de artefatos culturais podem contribuir com uma educação antirracista na etapa da Educação Infantil, ou seja, desde a primeira infância. Na segunda seção, refletiremos sobre como a literatura infantil pode reproduzir estereótipos e sobre a urgência de se afirmar uma narrativa contra-hegemônica. Na terceira seção, apresentaremos o livro como um importante artefato cultural que possibilita a ruptura com representações estereotipadas e universalistas a respeito da população negra e indígena.



Concluimos apontando como os livros que apresentam personagens negros, negras e indígenas, com qualidade estético-literária que garante a representação da diversidade étnico-racial brasileira de forma positiva, contribuem para que crianças não brancas se percebam representadas, elevando a autoestima e construindo uma identidade étnico-racial fortalecida e para que crianças brancas reconheçam e valorizem a alteridade, desenvolvendo outras perspectivas que se contrapõem a branquitude normativa.

REFLEXÕES ANTIRRACISTAS NO CONTEXTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Os debates acerca das relações étnico-raciais têm se ampliado no Brasil, seja por meio de denúncias das mazelas sofridas pela população negra, que apontam, entre outras coisas, o genocídio desse povo, seja pelo aumento das pesquisas que tratam da temática. Muito se tem falado em antirracismo, uma vez que ninguém quer se admitir racista, ainda que sejamos parte de uma sociedade em que o racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018) e que este se traduz praticamente em todas as esferas da sociedade, tais como: nas práticas cotidianas, na linguagem, na educação, na saúde e em diversas outras instâncias.

Sendo assim, com a percepção de que o racismo está presente também nas instituições que atendem as crianças desde a primeira infância, é importante suscitar um debate acerca de como a temática das relações étnico-raciais está sendo abordada nas instituições de Educação Infantil e apontar o livro de literatura infantil como um artefato cultural presente na escola e que pode contribuir com essa abordagem.

No ambiente educacional as discussões sobre o racismo também vêm se fortalecendo nestes últimos anos, em grande parte em decorrência de conquistas do Movimento Negro, como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9393/96, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Isso reverbera nos espaços de construção de infâncias, assim como nos recursos que impactam nestas relações e que é possível articular com a literatura infantil.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem as interações e brincadeiras como eixos estruturantes da prática pedagógica. A proposta pedagógica segue princípios éticos, estéticos e políticos e, de acordo com as Diretrizes Curriculares



Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), deve cumprir sua função sociopolítica e pedagógica, dentre outras garantias:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (BRASIL, 2010, p. 17).

O cumprimento do que diz a normativa requer práticas condizentes com tais pressupostos. Os ambientes de educação infantil devem prezar pela organização dos espaços, tempos e materiais, para que contemplem a diversidade étnico-racial brasileira e para que estas sejam pensadas como um elemento curricular.

Silva Jr., Bento e Carvalho (2012) reconhecem a importância da organização dos tempos, espaços e materiais e destacam que:

Em uma proposta de trabalho para a igualdade racial é importante lembrar que os ‘artefatos culturais’ presentes nas creches e nas pré-escolas podem oferecer imagens distorcidas, muitas vezes preconceituosas e estereotipadas dos diferentes grupos raciais (SILVA JR.; BENTO; CARVALHO, 2012, p. 20).

Por isso, é importante entendermos o que são esses artefatos culturais e como eles podem auxiliar na construção de uma educação antirracista. As pesquisadoras Magalhães e Ribeiro (2013) discutem como alguns artefatos culturais, como livros infantis, vídeos e revistas de divulgação, podem estar articulados às práticas pedagógicas. Segundo as autoras, os artefatos culturais resultam de processos de construção social. “Nessa perspectiva, as revistas, programas de televisão, músicas, imagens, livros, filmes, jornais, entre outros são considerados artefatos culturais, pois são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura” (MAGALHÃES, RIBEIRO, 2013, p. 45).

Assim, os artefatos culturais produzem significados, traduzindo determinadas concepções e ideologias. Por isso, é importante considerá-los e ampliar o acesso a materiais que representam diversas culturas e que contemplem as histórias de diferentes povos e nações.

Oportunizar as crianças, desde bebês, o acesso a diferentes artefatos culturais sem reproduzir preconceitos e racismo permitirá que elas produzam representações acerca da diversidade étnico-racial (PEREIRA, DIAS, 2020). Logo, inserir nas práticas da infância: livros, tecidos, imagens, animações, instrumentos musicais, brinquedos de



matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas, além de ser uma forma de se trabalhar a Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) com as crianças, ainda as aproxima dessas culturas de modo positivo rompendo com a permanência do racismo nos espaços da infância.

A inserção da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas instituições de Educação Infantil é premissa importante para o trabalho com a ERER. Essa inserção tem respaldo em leis como: as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e o Parecer CNE/CP 003/2004 que “[...] são o esteio para a constituição de legislações específicas no âmbito da educação infantil brasileira [...]” (NUNES; SANTOS, 2020, p. 322).

É fundamental que as crianças aprendam sobre diversidade e diferença desde pequenas, por isso o trabalho com a ERER aproxima-as das culturas de outros povos e possibilita que reconheçam diferentes costumes, aprendendo a valorizá-los para além da branquitude normativa. As pesquisadoras Ratusniak, Dias e Almeida (2022) apontam saberes que potencializam práticas antirracistas e defendem a literatura como um instrumento para efetivação da ERER. Segundo as autoras:

Nesse sentido, a Erer é uma virada na perspectiva curricular brasileira, pois objetiva inserir na educação básica e no ensino superior ferramentas teóricas e metodológicas que possibilitem às pessoas construir aportes reflexivos para questionar em e desnaturalizar a hierarquização social, a qual privilegia a estética branca, o corpo branco e o conhecimento advindo das pessoas caracterizadas por esses aspectos (RATUSNIAK, DIAS, ALMEIDA, 2022, p. 5).

Por isso, é importante que esses saberes sejam contemplados na formação dos professores, tanto acadêmica quanto continuada, uma vez que contribuirão para que as práticas pedagógicas sejam realmente antirracistas. No caso da Educação Infantil, é por meio das interações e brincadeiras que as crianças devem ser convidadas a conhecer culturas diversas, nos cantos de atividades diversificadas, nas materialidades que os compõem, nos brinquedos, nas músicas e nas histórias.

Novamente, nos remetemos aos estudos de Silva Jr., Bento e Carvalho (2012), que defendem que a questão racial deve permear o currículo da Educação Infantil, visibilizando práticas a respeito da temática, estando presente nas imagens e na Unidade educativa como um todo.



Educar para a igualdade racial na Educação Infantil significa ter cuidado não só na escolha de livros, brinquedos, instrumentos, mas também cuidar dos aspectos estéticos, como a eleição dos materiais gráficos de comunicação e de decoração condizentes com a valorização da diversidade racial (SILVA JR.; BENTO; CARVALHO, 2012, p. 20).

E, dentre tantos artefatos que expressem a cultura da população negra e também da população indígena, apresentaremos os livros de literatura infantil como uma importante ferramenta no combate ao racismo.

LITERATURA INFANTIL: UM PERCURSO SINUOSO

[...] Escrever é uma maneira de se anunciar ao mundo e de se sentir mais gente. É também uma forma de não enlouquecer, de suportar...Por isso, esses escritos para mim valem mais do que ouro. Eles valem toda uma vida. Valem a minha vida! Cuidem deles. Não os deixem morrer junto com o tempo... contem e recontem as histórias que guardei aqui. Muitas delas ouvi pequenininha lá na minha terra. São minhas, são suas, são nossas. Todos nós somos responsáveis pelas nossas histórias e pela continuação das nossas tradições (SONIA ROSA, 2009, p. 21).

Era uma vez uma menina que conhecia sua história, que valorizava seus antepassados e que teve acesso a um grande tesouro: a memória de seu povo, contada por meio das histórias de sua tataravó e transmitida de geração em geração. Parece inusitado iniciar a seção de um artigo científico com uma história infantil. No entanto, essa construção é um convite para refletirmos como e se as nossas histórias estão sendo contadas. Para pensarmos em quais histórias as nossas crianças estão tendo acesso nas instituições de Educação Infantil.

O desafio da sociedade brasileira na qual boa parte das pessoas acreditam no mito da democracia racial torna ainda mais necessário ocupar esses espaços do cotidiano social com a literatura infantil. Eurico (2020) discorre sobre essa falsa democracia racial e afirma que:

No caso da população negra, o tratamento é considerado democrático porque em vez do extermínio direto do grupo, a sociedade opta por, democraticamente, forjar um novo "tipo" racial, o que permite aos negros e negras se "aproximar" dos brancos, promovendo a redenção das gerações futuras. Via miscigenação, democraticamente, aquilo que remete à herança africana será ignorado, até que entre os brasileiros se instale um período de paz social, com aceitação de que a herança europeia é a que nos oferece vantagens. Obviamente, a estratégia tem se mostrado, ao longo dos anos, incoerente porque promove uma falsa acomodação do real e os conflitos se acirram década após década, a exemplo do

que ocorre com a juventude negra, que continua a ser alvo da violência do Estado e vítima preferida dos grupos de extermínio no país (EURICO, 2020, p. 62).

A dinâmica das relações sociais brasileiras se fundamenta em uma falsa democracia racial que funciona como um importante componente ideológico que mantém o *status quo*, beneficiando aqueles que usufruem dessa estruturação de poder organizada em torno da discriminação racial. Por isso, se faz tão importante que a população negra conheça sua própria história e compreenda as relações estabelecidas entre negros e brancos, até então. Um conhecimento deve ser acessível a todo o povo brasileiro para que entendam como o racismo opera em nossa sociedade.

Ao perceber que ações antirracistas com crianças da primeira infância são necessárias, possibilitamos fortalecer uma construção plural e respeitosa sobre a diferença entre as pessoas nessa etapa importante da vida. No entanto, para efetivar essas práticas não é qualquer literatura que as crianças precisam acessar, mas sim aquela que contemple a diversidade étnico-racial brasileira de forma positiva e que traga em seu bojo narrativas múltiplas e contra-hegemônicas, mostrando às crianças que todos podem contar suas histórias.

É sabido que a literatura infantil perpassa os campos político, coletivo e estético partindo de um movimento histórico que evidentemente estimula modelos que podem se constituir como dominantes. Reconhecemos que existem narrativas que são privilegiadas em acervos de bibliotecas escolares e colocadas à disposição das crianças. Em sua maioria, nos livros do cânone literário predominam o cunho eurocêntrico que norteia tanto a escrita quanto a ilustração. O movimento contra-hegemônico ainda não alcança todas as instituições educacionais.

De acordo com Pereira (2019), em sua pesquisa, na instituição investigada a diversidade étnico-racial “[...] não está bem representada, pois há livros disponibilizados às crianças que apresentam imagem estereotipada de personagem negro” (PEREIRA, 2019, p.63). Contudo, há um caminho possível, possibilitado pelo aumento de novos materiais que apresentam às crianças narrativas e ilustrações de personagens negros, negras e indígenas. Vamos percorrer esse trajeto?

POR UMA LITERATURA INFANTIL ANTIRRACISTA



Conhecer a produção literária para crianças e jovens que tematiza a cultura africana e afro-brasileira é de fundamental importância para pensar a formação de leitores-cidadãos e uma sociedade antirracista, pois a linguagem literária, como já destacado, por mim, em *Negro no Brasil: política, cultura e pedagogias*, '[...] tecida pelos fios da imaginação, confecciona um enredo de visibilidade, de encontros e diferenças' [...] (DEBUS, 2017, p.111-112).

As palavras da pesquisadora Eliane Debus vêm ao encontro do que acreditamos como pesquisadoras de literatura infantil, ou seja, ela é uma possibilidade de ampliação das narrativas de ser africano, afro-brasileiro ou indígenas, sob óticas positivas. Ser reis, rainhas, crianças não escravizadas, ter sonhos, brincar e fazer tudo aquilo que qualquer criança branca já experimentou ao ler ou ouvir histórias infantis. Contudo, nem sempre a literatura infantil apresentou qualidade estética aliada à ruptura de representações sobre os personagens negros e indígenas. Ao contrário, muitas imagens contribuíam para reforçar estereótipos, apresentando um único modelo de humanidade, tendo a branquitude como norma. A respeito dos estereótipos, Cavalleiro (2021), baseada em estudos de Crochik (1995), ressalta que:

Os estereótipos característicos de nossa própria cultura foram condutores para a propagação do preconceito. Podemos dizer que eles têm a função de simplificar problemas. Eles evitam a necessidade de se pensar sobre os efeitos das condições sociais que contribuem para o desajustamento e exclusão de alguns. Os estereótipos impedem a reflexão sobre o mundo real. Seus conteúdos são mecanismos sociais que visam manter o *status quo* do segmento social (CAVALLEIRO, 2021, p. 24).

Assim, por muito tempo os personagens negros foram invisibilizados e quando ganhavam alguma notoriedade eram imagens e narrativas estereotipadas que não representavam a população negra e perpetuaram relações de dominação racial (OLIVEIRA, 2010). Pesquisadoras como Maria Cristina Soares Gouvêa (2005), Maria Anória de Jesus Oliveira (2003) e Débora Cristina de Araujo (2010) se debruçaram sob a história da literatura infantil brasileira e analisaram a ascensão dos (as) personagens negros (as) até as representações mais contemporâneas.

Se no passado a literatura contribuiu para reforçar estereótipos, atualmente tem um forte papel na quebra destes, apresentando para a infância protagonistas negros e negras de modo valorizado. A literatura, o livro, a imagem, atuam no imaginário infantil e podem contribuir para que todas as crianças possam se projetar neste espaço do imaginário, o que é fundamental na infância.



Araujo (2020) aponta que algumas importantes categorias da literatura passam a se fazer presente na literatura infantil de perspectiva antirracista, sendo elas: conflitos infantis, marcas identitárias e valorização da herança e ancestralidade. Exemplificando algumas obras que seguem essa linha, podemos citar: *A mãe que voava* (CARVALHO, 2018) relacionada a conflitos infantis; *Quinzinho* (RAMOS, 2020), na categoria marca identitária; *Coração do Mar* (FERNANDES, 2019) com resgate da herança e ancestralidade. Essas obras literárias apresentam características que contemplam a diversidade e precisam ser acessíveis a todas as crianças.

A existência de crianças e infâncias negras retratadas de forma positiva nos livros de literatura infantil contribui para que meninos e meninas negras fortaleçam seu pertencimento étnico-racial, reconhecendo toda a beleza e protagonismo de personagens que se assemelham a elas. Com a permanência das lutas advindas do que a Leis 10639/2003 e 11.645/08 exigem, a produção de livros com representações positivas e humanizadas de personagens negros e indígenas passaram a circular no mercado editorial, como pontua Souza e Araujo (2020):

Ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica, essa alteração na lei máxima da educação brasileira contribuiu para fomentar, junto às políticas de distribuição de livros, aos estudos acadêmicos e à opinião pública, um franco e aberto debate sobre o racismo operante na literatura infantil clássica, e a necessidade de respondermos, como sociedade, aos anseios por uma arte literária mais plural (SOUZA; ARAÚJO, 2020, p. 199).

Apesar desse avanço significativo o racismo continua se atualizando e, mesmo com as políticas de ações afirmativas e esse aumento de obras mais plurais, ainda podemos encontrar livros que reforçam o mito da democracia racial, com estereótipos da população negra, desconsiderando sua cultura e reiterando a discriminação racial em suas páginas. Debus e Passos (2021), ao analisarem a produção literária para a infância que circula no mercado editorial, pontuam que:

Embora a produção tenha se ampliado em quantidade isso não garante qualidade, bem como não se pode acreditar que a representação de personagens negras por si só qualifica a narrativa e que ela não traga uma representação de subserviência, ilustrações estereotipadas, e palavras racistas (DEBUS; PASSOS, 2021, não paginado).

As pesquisadoras analisam, em tom de denúncia, a obra “Tudo colorido: preconceito racial” (SANTOS, 2015) e consideram que ela reforça o racismo que



supostamente quer denunciar. Tal fato reitera que não basta que a obra apresente personagens negros, negras e indígenas tanto no enredo quanto na ilustração, é preciso que eles sejam construídos de forma a representar a diversidade étnico-racial existente em nossa sociedade, que as crianças negras e as indígenas estejam inseridas num contexto familiar, tenham sua identidade definida e sejam protagonistas de suas histórias, ou seja, produzam rupturas nos modos como os personagens negros foram reiteradamente apresentados na produção literária.

Araujo (2018) aponta que, desde o surgimento da literatura direcionada à infância, há estudos que consideram a diversidade humana como característica que se soma à qualidade artística da obra. A pesquisadora afirma que “entre os critérios que definem a qualidade estético-literária de um livro está, portanto, o reconhecimento e a afirmação dos grupos humanos em sua diversidade cultural, social, étnica e racial” (ARAÚJO, 2018, p. 63).

Por isso, estudos como esse convergem para defender uma literatura infantil que reconheça a diversidade humana e represente em sua construção povos até então invisibilizados ou estigmatizados, como no caso das populações negras e indígenas. Esse reconhecimento deve perpassar também as ilustrações, em um diálogo constante com o texto literário, como defende Souza e Araujo (2020):

E essa multiplicidade deve ser uma constante, não apenas no texto verbal mas, sobretudo, na ilustração. Ao lerem o mundo a sua volta e a si mesmas, crianças pequenas vão, gradativamente, elaborando suas interpretações acerca de qualidades positivas e negativas: feio, bonito, bom e mau são noções dicotômicas muito acionadas pelas crianças e por quem as educa para explicar o mundo (SOUZA, ARAÚJO, 2020, p. 200).

Assim, compreendemos que texto e imagem devem estar em consonância e apresentar qualidade literária, que se afirma também pela representação positiva da diversidade étnico-racial brasileira, contribuindo dentre outras coisas para o fortalecimento da autoestima e para a formação da identidade da criança negra.

Damião, Dias e Reis (2020) destacam que, entre as práticas desenvolvidas com e para as crianças negras, “[...] o trabalho comprometido com a literatura, pode possibilitar às crianças negras vivências fundamentais para o pleno desenvolvimento e às crianças brancas ferramentas para pensarem a si mesmas a partir de uma perspectiva distinta da branquitude normativa” (DAMIÃO; DIAS; REIS, 2020, p. 6).



Logo, a presença de livros com qualidade estético-literária que contemplem personagens negros, negras e indígenas na etapa da Educação Infantil possibilita que as crianças tenham acesso, desde bebês, a representações mais humanizadas desses personagens, reconhecendo-se em muitos deles ou, no caso das crianças brancas, constatando que existem muitas formas de ser e estar no mundo e que todos e todas podem contar suas histórias, corroborando uma verdadeira literatura infantil antirracista. Segundo Samara da Costa Rosa um livro antirracista traz “Uma história com cuidado de acolher nas palavras e na forma de representar nas ilustrações as múltiplas formas de ser”. (@SAMARACONTADORA, 22/07/21). Um exemplo importante desse processo de reconhecimento da potência de livros e histórias que podem colaborar na construção de uma forma antirracista de compreender o mundo.

CONCLUSÃO

A título de conclusão, reafirmamos a necessidade de trazer para o debate a importância de políticas públicas que disponibilizem recursos para que crianças na etapa Educação Infantil tenham acesso a diferentes artefatos culturais como: instrumentos, panos, imagens, livros, músicas, entre outros que, em comum objetivo, vão trazendo uma proximidade da cultura africana, afro-brasileira e indígena desde a primeira infância. O livro, como importante artefato cultural, possibilita o contato da criança com diferentes representações, formando o imaginário a respeito de distintos povos. Essa formação poderá ser positiva ou preconceituosa, de acordo com os materiais que a criança tenha acesso e as representações disponibilizadas para elas.

Se considerarmos a potência das narrativas para a infância como parte de um projeto social antirracista, ampliamos nossas possibilidades de ações efetivas com a criança da Educação Infantil. E, para além das histórias, crianças pequenas devem ter o direito de acessar a outros elementos ligados à cultura afro-brasileira, é uma ação que pode contribuir nesta prática cotidiana no espaço escolar.

Promover uma educação capaz de dialogar com as possibilidades e diversas representações da cultura negra com crianças pequenas é um grande desafio e tarefa de todos e todas nós, pois a pesquisas apontam que isso é capaz de uma transformação que em conjunto com outras ações fortalecem a construção de uma sociedade antirracista. Diante das discussões em prol de uma educação mais igualitária e livre do racismo no



ambiente educacional, mais precisamente na etapa da Educação Infantil é também nossa função desenvolver o letramento racial nas suas diferentes dimensões, por isso propomos: a composição de um acervo no qual a literatura infantil tenha qualidade estético-literária, e garanta a representação da diversidade étnico-racial brasileira de forma positiva.

A literatura para a infância, assim como os artefatos culturais que fortalecem um ambiente antirracista que respeita as crianças negras, contribui para que as não negras se percebam como parte de espaço diverso em que diferença é parte da sua constituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: *Letramento*, 2018.

ARAÚJO, Débora Cristina de. Relações raciais, discurso e Literatura infanto-juvenil. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ARAÚJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-61.pdf>> . Acesso: 23 mar. 2022.

ARAÚJO, Débora Cristina de. Personagens Negras na literatura infantil: tendências da produção literária contemporânea. In: NEABI UENF. Rede de Conversas 5: Crianças e infâncias negras. 1 vídeo (1h 30 min 01 s), 23 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fuo5UxEgo5c&ab_channel=NEABIUENF> . Acesso: 18 mar. 2022.

BRASIL, Lei n. 10.639. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003.

BRASIL, Lei n. 11.645. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, Caroline. A mãe que voava. Ilustrações [Inês da Fonseca]. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2021.

DANAE FERREIRA NUNES, Míghian; SODRÉ DOS SANTOS, Patrícia. As crianças pequenas da mangueira (rj): corporeidade, território e a educação para as relações raciais desde a educação infantil. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*,

[S.l.], v. 12, n. 33, p. 319-336, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1015>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

DE JESUS DAMIÃO, Flávia; ROSA DIAS, Lucimar; GONÇALVES REIS, Maria Clareth. Existências de crianças e infâncias negras: movimentos de um educar e pesquisar antirracista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. 33, p. 4-19, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1018>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DEBUS, Eliane; PASSOS, Joana Célia dos. Tudo colorido, um livro que reforça o preconceito racial!. Disponível em: <https://litalise.wordpress.com/2017/11/16/tudo-colorido-um-livro-que-reforca-o-preconceito-racial/>. Acesso: 21 mar. 2022.

EURICO, Marcia Campos. Racismo na infância. São Paulo: Cortez, 2020.

FERNANDES, Carol. Coração do Mar. Ilustrações [Carol Fernandes]. Belo Horizonte: Crivinho, 2019.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: uma análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. *Rev. Diversidade e Educação*, v.1, n.1, p. 45-46, jan./jun. 2013.

OLIVEIRA, M. A. de J. Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, M. A. de J. Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

PEREIRA, Sara da Silva. A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PEREIRA, Sara da Silva; ROSA DIAS, Lucimar. Entre colos e afetos: a hora e a vez dos bebês na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. 33, p. 178-196, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1008>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

RAMOS, Luciano França. Quinzinho. Ilustrações [Bruna Assis Brasil] Curitiba: *Caqui*, 2020.

RATUSNIAK, Célia; DIAS, Lucimar Rosa; ALMEIDA, Ranna Emanuelle. A Disciplina de Didática, o Racismo e a Educação para as Relações Étnico-Raciais: Encontros e Reflexões. *Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, SP*, v. 8 (2022), n. 00, p. e022033, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v8i00.8661207. Disponível em:



<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8661207>> . Acesso em: 19 mar. 2022.

ROSA, Sonia. Os tesouros de Monifa. São Paulo: *Brinque-Book*, 2009.

SAMARA CONTADORA. Todos são bem vindos. 1 mensagem do Instagram, Curitiba. 22 de Julho de 2021. Instagram: @samaracontadora. Disponível em: <<https://www.instagram.com/samaracontadora/>> . Acesso em 23 Mar. 2022.

SILVA JR., Hédio; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - *CEERT: Instituto Avisa lá* - Formação Continuada de Educadores, 2012.

SOUZA, Mariana Silva; DE ARAÚJO, Débora Cristina. CRIANÇAS NEGRAS NAS ILUSTRAÇÕES DE JOSIAS MARINHO. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as* (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 197-220, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1009>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

Recebido em: 15/04/2022

Aprovado em: 20/05/2022